



PEGA NA CHALEIRA - RESENHAS

Nas favelas do Rio de Janeiro, Denise Garcia surpreende uma música em construção

Carlos Palombini (UFMG, Belo Horizonte)
cpalombini@gmail.com

Resenha do filme *Sou feia mas tô na moda*, de Denise Garcia, sobre mulheres no funk carioca, disponível no mercado de aluguel de DVDs no Brasil.

Palavras-chave: funk carioca, bailes funk, feminismo.

Denise Garcia returns from the Rio de Janeiro slums and brings back the marvels of a music in the making

Review of the film *I'm Ugly But Trendy*, by Denise Garcia, on women in funk carioca, available from the DVD rental market in Brazil.

Keywords: funk carioca, bailes funk, feminism

O que motivou Denise Garcia a realizar *Sou feia mas tô na moda* foi a música. Em Porto Alegre, onde morou até o ano 2000, ela viveu a música como um pólo de atração em torno do qual se reuniam indivíduos de classes sociais e formações distintas. De mudança para o Rio de Janeiro naquele ano, ela percebeu que, apesar de muita conversa sobre miscigenação no que tem sido apresentado como o gênero nacional por excelência, o samba, as coisas não funcionavam mais assim na capital cultural da nação, se é que um dia funcionaram. Nesta época, garotas pobres — e, na maioria dos casos, negras — como Vanessinha Pikatchu e Tati Quebra-Barraco despontavam nas favelas. Vanessinha, cujo epíteto se pode construir como uma alusão pueril ao órgão masculino, dizendo que queira "ir ao shopping" ao invés de "ficar em casa lavando pilhas de pratos"; Tati, cujo epíteto se pode traduzir como a Garota Que Faz, dizendo que:

Eu fiquei três meses sem quebrar o barraco,
Sou feia, mas tô na moda,
Tô podendo pagar hotel pros homens,
E isso que é mais importante.
Quebra o meu barraco! Quebra o meu barraco!

A reação imediata da mídia, com a qual estas garotas se confrontavam, era a de rejeição pura e simples. "A sensação que eu tive então foi que não se esperava que elas usassem seu conhecimento, suas experiências na música que faziam, o que significa que se esperava que elas não se expressassem." Sua empatia transformada em cumplicidade, Denise Garcia decidiu fazer um filme, ligou para a Garota Que Faz, marcou uma entrevista na Cidade de Deus e passou um ano indo e vindo das favelas, em bailes funk por todo o Rio.

Os moradores das favelas brasileiras não estão desacostumados ao olhar estrangeiro, sempre em busca de vislumbres de uma realidade que, desde que o samba é samba (isto é, desde os anos trinta), se apresenta como um manancial de autenticidade. Evidência do fato: a maravilhosa gravação de Aracy Côrtes, em 1932, para a Columbia, de "Tem francesa no morro", de Assis Valente, inteiramente cantada em patoá francês. E embora os historiadores da música popular brasileira viessem a ter muita dificuldade se solicitados a apresentar um samba

aludindo à visita de um morador da chamada Zona Sul à favela,¹ relatos da descida problemática do favelado às áreas afluentes do Rio não são raros: "Comigo não", de Heitor Catumbi e Valentina Biosca (Victor, 1935), "Sambista na Cinelândia", de Custódio Mesquita e Mário Lago (Odeon, 1936), "Cabaret no morro" de Herivelto Martins (Odeon, 1937) ou "Mulato antimetropolitano" de Laurindo de Almeida (Odeon, 1939), são quatro exemplos, apenas da discografia de Carmen Miranda.

Como foi que os moradores da Cidade de Deus reagiram às visitas de Denise Garcia? "Desde o início, fui muito bem recebida, provavelmente porque tenha sido uma das raras mulheres que fala português, está interessada neles e é brasileira como eles." Ninguém sugeriu que ela devesse solicitar autorização aos traficantes, e Denise Garcia supôs ter permissão para realizar seu trabalho desde que fosse honesta com as pessoas envolvidas e com ela própria. "Se você enxerga aqueles aos quais está documentando como seres humanos iguais a você, você está num bom caminho."

Fã dos Ramones, Denise Garcia vê o funk carioca como o avatar local do espírito punk. A crueza do punk é certamente um traço do funk carioca. Para desgosto da diretora, é um traço de seu filme também. Denise Garcia esforçou-se para obter financiamento de companhias locais. As respostas eram invariavelmente as mesmas: "não queremos ver nosso nome associado aos bailes funk." Tanto melhor: como os indivíduos aos quais retrata, *Sou feia mas tô na moda* carrega as marcas de pobreza imerecida.

Pelo que se pode julgar dos resultados, na favela ao menos, a honestidade é a melhor política. O grau de empatia entre Denise Garcia e os sujeitos cuja vida diária ela documenta é espantoso. Os espectadores são colocados em contato íntimo com gente cuja confiança talvez jamais pudessem conquistar. De suas expedições a campos nos quais poucos de nós nos aventuráramos, Denise Garcia nos traz a maravilha de uma música em construção. E escutamos o funk carioca como nunca, nem mesmo no mais proibido dos CDs piratas. O MC G3 abre o filme cantando a palo seco contra o pano de fundo de uma impressionante parede de alto-falantes mudos, conectando assim as *equipes de som* do Rio às *block parties* do Bronx dos anos setenta e aos *sound systems* jamaicanos dos anos sessenta sem pedantismo algum. Uma improvisação vocal ao som de palmas por um grupo de amigos liga o funk carioca às tradições brasileiras do repente, do samba de roda e do partido alto ao mesmo tempo em que estabelece uma relação entre estas tradições e o proto-rap de The Last Poets. Deise da Injeção canta a cappella na porta de sua

casa enquanto Ramona — uma transgênero — executa uma coreografia altamente explícita. Denise Garcia é o objeto de desejo de todo o etnógrafo musical!

Quando filmava, ela não sabia o que resultaria de seus esforços. Mesmo assim, os funkeiros com os quais trabalhou continuaram cooperativos e abertos. Denise Garcia acredita que tenha sido só quando viram o filme no classudo Odeon, no Rio, que eles se tenham dado conta do que estava acontecendo. "Em meu filme não há sociólogo ou antropólogo para explicar as palavras dos funkeiros; eles falam por si." Ela acredita que o comportamento de seus amigos da favela durante a estréia no Rio seja evidência do sucesso de seu trabalho: "eles estavam felizes e fizeram barulho durante toda a sessão."

Mas *Sou feia mas tô na moda* é mesmo um filme no qual os funkeiros falam por si? De modo algum! Se isto fosse verdade, Denise Garcia não seria uma diretora. A realidade que ela nos apresenta é altamente construída. Mais que um filme sobre funk, *Sou feia mas tô na moda* é um filme *à thèse*, um filme sobre a sexualidade explícita como um instrumento de liberação feminina. Esta inversão se explica nas seguintes linhas Philip Brett e Elizabeth Wood:

A música, especialmente a popular, com suas táticas lúdicas, provocantes ou disruptivas em torno da representação tanto vocal como visual do sexo e do gênero (vide Madonna, Prince ou Boy George), freqüentemente parece responder à idéia de Judith Butler destas características supostamente naturais como elocuições "performativas" (isto é, como atos de fala), às quais os sujeitos se submetem numa repetição forçada como parte da admissão à língua e à sociedade. Butler propõe a notável inversão segundo a qual "se um regime de sexualidade nos incumbe duma performance compulsória do sexo, então só pode ser através desta performance que o sistema binário do gênero e o sistema binário do sexo venham a ter qualquer inteligibilidade" (BUTLER, 1993, p 318), (BRETT e WOOD, 2002).

O mundo funk carioca se movimenta rapidamente e deixa poucos rastros visíveis. Se na pista todos os seres humanos brilham com a beleza transcendental de seu transe de felicidade, em 2007 a visão de mulheres que nem de longe correspondem aos ideais aceitos de beleza feminina ocupando o palco para darem voz a sua disposição em tomar parte nas formas mais acintosamente selvagens de intercurso sexual simplesmente dissipou-se. O documentário de Denise Garcia permanece como um tributo eloqüente a esta possibilidade. Vi-o inúmeras vezes. Vi inúmeras vezes jovens assistirem-lhe. A memória de suas faces continua tão viva quanto os melhores momentos do filme: alertas, seus troncos projetando-se de suas cadeira, os olhos muito abertos, os rostos sorrindo maravilhados diante de uma cultura que quase todos parecem determinados a ocultar-lhes.

Referências

- BRETT, Philip e WOOD, Elizabeth. 2002. "Música lésbica e gay". *Revista eletrônica de musicologia*, <http://www.rem.ufpr.br/REMr7/Brett_Wood/Brett_e_Wood.html>. Curitiba: UFPR.
- BUTLER, Judith. 1993. "Imitation and Gender Insubordination". In ABELOVE, Henry, BARALE, Michèle Aina e HALPERIN, David (orgs). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. Nova York e Londres: Routledge, pp 307-20.

Ficha técnica resumida do filme *Sou feia mas tô na moda*

Título original: <i>Sou feia mas tô na moda</i> (2005, Brasil) 61 minutos, Colorido, Vídeo Digital Gênero: Documentário Censura: 14 anos Direção: Denise Garcia Roteiro: Denise Garcia Produção: Denise Garcia Assistente de Produção: João Mors Cabral Diretor de Animação: Allan Sieber Fotografia e Som: Paulo Camacho, Pedro Bronz, Matias Maxx Edição: Gustavo Melo (Telephone Colorido)	Elenco Deise da Injeção Gaiola das Popozudas Tati Quebra-Barraco Cidinho e Doca DJ Marlboro
---	---

Carlos Palombini é professor adjunto de Musicologia na Escola de Música da UFMG, onde co-edita a série *Música Editada* (Editora da UFMG) e coordena o Laboratório de Produção Fonográfica. Suas pesquisas enfocam o texto de Pierre Schaeffer e os bailes funk carioca. Seus trabalhos aparecem nos periódicos *Music and Letters* (OUP), *Computer Music Journal* (MIT Press), *Organised Sound* (CUP), *Leonardo* (MIT Press), *Leonardo Music Journal* (MIT Press), *Echo* (UCLA), *Synteesi* (Sociedade Finlandesa de Semiótica), *Electronic Musicological Review* (UFPR), *Per musi* (UFMG), *Antropológicas* (UFPE), *Em pauta* (UFRGS) etc. É pesquisador do CNPq.

Notas

- ¹ "O Neginho e a Senhorita", de Noel Rosa de Oliveira e Abelardo da Silva (gravado por Noite Ilustrada), e "Voltei pro morro", de Luiz Peixoto e Vicente Paiva (gravado por Carmen Miranda), são dois exemplos.

